



## **Editorial**

Esta edição do Jornal Papéis Avulsos apresenta textos muito interessantes, que caminham do Trovadorismo português até a literatura catarinense atual na voz de Urda Alice Klueger.

Na nossa página poética, uma poesia da aluna Juliana Pacheco: *Novo mito*, a qual nos faz pensar sobre os mitos e as lendas que nós próprios criamos.

Na editoria de cinema, resenhas de dois filmes aos quais você não pode deixar de assistir: *Rei Arthur e Razão e Sensibilidade*.

Na editoria de literatura impressa, muitas novidades: Resenha do livro *Inferno*, lançamento de Dan Brown, que recentemente chegou às livrarias e uma resenha da adaptação de Walcyr Carrasco para *Dom Quixote*. Ainda, uma entrevista com a escritora Urda Alice Klueger, autora de *Vem, vamos remar* e de uma série de outras obras que falam sobre o Vale do Itajaí, sua gente, seus costumes, suas memórias.

A editoria de mídia fala sobre o poder das mídias sociais nos protestos que balançaram o Brasil e cobriram o país de norte a sul durante a última Copa das Confederações.

Por fim, a editoria de história da literatura, no clima das lendas arthurianas e do “cavaleiro da triste figura”, fala das novelas de cavalaria.

E não se esqueça, converse conosco, mande suas sugestões, críticas e observações para o e-mail <jornalpapeisavulsos@gmail.com>. A sua opinião é muito importante para nós.

Boa leitura e excelentes reflexões!

Ana Paula  
Editora Jornal Literário Papéis Avulsos

## **Página poética**

Nesta edição, falamos muito de mitos e lendas, os quais povoam a nossa vida e a nossa imaginação. Mas o que são mitos? Como eles surgem? Como se constituem? Sobre isso falam os versos da aluna Juliana Pacheco do Curso Técnico Integrado em Química, 4º Semestre.

### **Novo Mito**

O que é um mito?  
O que foi dito ou feito?  
Tudo tem um efeito,  
nada é provado, ninguém é suspeito..  
Alguém diz, escreve, outro lê, esquece.  
Repassem pra toda massa o que apreendem, a verdade,  
ninguém prova, é lenda.  
Algo é contado, cada um compreende do seu jeito,  
aprendiz? Quem é aprendiz?  
Aprendemos o tempo inteiro, com os erros e acertos,  
contudo, a maneira mais divertida de entender as  
coisas, é "viajando", imaginando, fantasiando.  
A fantasia é a melhor forma, de mudar essa harmonia  
chamada de vida,  
tudo é medíocre, nada é sublime,  
as coisas mais importantes, tornaram-se irrelevantes..  
fantasiar um mundo melhor, é o único jeito de  
melhorar, até alguém despertar, levantar.  
Todos são "iguais", por lei, mas o que acontece de  
verdade, nada se sabe.  
Desigualdade, violência, maldade, em toda parte,  
dizem que devemos amar o próximo, respeitar, que  
todos nós temos os mesmos direitos.  
Entretanto, não é isso que temos feito.  
Há um defeito? Ou somos personagens de um novo  
mito?  
E o conceito de amar o próximo que tanto haviam dito?

## **Equipe editorial**

Edição – Luana Senem e Nathan Corrêa  
Editoria de Imagem – Laura Lopes Lima e  
Cristopher Cortelim dos Santos  
Editoria de cinema – Felipe Gabriel de Souza,  
Gustavo Giancesini, Gabriela Neumann

Editoria de literatura impressa – Amábile Luiza Teixeira  
da Rosa, Luana Schlindwein Imhof e Milena Vanuza de  
Miranda da Silva  
Editoria de mídia – Matheus Leandro Gonçalves, Nicolas  
dos Santos  
Editoria de teatro – Marcela Soares Cerutti, Palôma Seide  
Editoria de história da literatura – Thais Carolina da  
Cunha e Ana Paula K. da Silveira

## Editoria de cinema Relembrando uma grande “lenda”

Ana Cláudia Gonçalves  
Curso Técnico Integrado em Química – 2o. Semestre  
Natalie Duarte da Silva  
Curso Técnico Integrado em Vestuário – 2o. Semestre

Rei Arthur é um filme épico que nos traz uma nova versão da história do lendário cavaleiro meio romano, meio inglês, agora dirigida por Antoine Fuqua, conhecido por muitos filmes de ação como: A isca, Dia do treinamento, Assassinos substitutos, entre muitos outros. O filme foi gravado em julho de 2004, nos EUA, e traz, no papel de herói, Arthur, interpretado por Clive Owen.

O filme ficou um pouco longo, principalmente durante as guerras, mas é isso que dá vida a essa versão da história. Nas mãos de um diretor de filmes de ação, isso era de se esperar.

A versão escolhida exalta as guerras, mas não tem nelas um foco em si, o foco maior é, sem dúvida, a luta pela liberdade.

Arthur nos traz a figura boa, pura e maniqueísta do homem heroico. Clive retrata o menino orfão de pai que perde a mãe em um ataque e desde aí cresce destinado a lutar pela Inglaterra e fazer o bem. Quando o risco se torna grande demais para os seus cavaleiros, ele decide lutar sozinho para honrar sua “terra”. Sim, após muitas decepções com os romanos e seus princípios, ele decide lutar por si só pela Inglaterra e pelo que agora aceita ser dele, um pedacinho dele.

Lancelot, muito bem interpretado por Ioan Grunffudd, nos traz a personalidade mais humana, ele se sente dividido entre o bem e o mal. Entre várias discussões, é bem implícito que realmente ama Arthur mais do que como um grande amigo e sim como um irmão. No meio de sua jornada, em um resgate, Arthur e Lancelot encontram Guinevere (Keira Knightley), uma moça sedutora e atraente, que estava enfraquecida, trancada em uma masmorra, e a qual chama a atenção de Arthur e Lancelot, formando com eles um triângulo amoroso. Depois de um tempo, Guinevere recupera sua saúde e coragem de Woad - seu povo (o povo pagão) - e passa a lutar junto dos cavaleiros arturianos. De certa forma, da maneira como Antoine Fuqua a retrata, ela parece ser uma estratégia dos Woads para se aproximarem e conquistarem os Cavaleiros da Távola Redonda e finalmente derrotarem os saxões (povo do mal).

Como é uma releitura de uma grande lenda que possui diversas versões, coube uma série de escolhas ao diretor, que optou por não exaltar muito o romance, o famoso triângulo amoroso entre Arthur, Guinevere e Lancelot, mas sim as guerras, que, por sinal, foram muito bem colocadas. Antoine Fuqua sabe o que faz como diretor. Capricha nos efeitos especiais, principalmente nas batalhas do gelo e final, talvez por ser um especialista incrível em filmes de ação. Porém, faltou um pouco mais de efeitos computadorizados e reais. Acredito que não houve muita preocupação com isso, uma falha técnica pois quem colocaria um enredo tão bem feito, com lugares tão bem escolhidos e figurinos tão bem caros em uma computação gráfica que deixa a desejar...? Mesmo assim recomendo, essa versão reacende uma enorme lenda que atravessa séculos, gerações e não morrerá tão cedo.

## Razão ou sensibilidade: O que traz a felicidade?

Jaqueline da Silva Scharf  
Curso Técnico Integrado em Química – 4º. semestre

“Sense and Sensibility” ou Razão e Sensibilidade é um filme britânico baseado no livro de mesmo título de Jane Austen e dirigido por Ang Lee, lançado no ano de 1995. O filme, classificado como comédia romântica, possui 120 minutos de uma ótima história de romantismo inglês, estrelando Emma Thompson no papel de Elinor e Kate Winslet como Marianne.

O filme relata a história de duas irmãs, Elinor e Marianne, que acabaram de perder o pai. Antes de morrer, o Sr. Dashwood deixou quase toda sua herança com o filho do primeiro casamento por ser homem, como era típico na época, e deixou a segunda esposa e as três filhas sem casa, nem dote e com pouco dinheiro para se sustentar. Na época, as mulheres não tinham o direito de receber heranças e precisavam de um dote para oferecer ao homem com quem a família desejava que a moça se casasse, caso contrário, dificilmente conseguiriam um marido.

Elinor e Marianne são muito ligadas, apesar de serem muito diferentes. Elinor é pura razão, tem 19 anos e é muito bonita. Se mostra sempre forte e decidida, sempre aceita as condições que a vida lhe propõe por ser muito racional. Sua família e amigos chegam a pensar que é insensível, mas a moça é sempre muito simpática e amigável, apenas esconde o que se passa em seu coração. Já Marianne é a emoção em pessoa, uma jovem romântica de 15 anos, simpática e sonhadora. Nunca esconde seus sentimentos e, por isso, é julgada pela irmã como indiscreta e impulsiva, mas não se aflige por isso. As duas amam muito o pai e mostram grande afeto e cuidado pela mãe e a irmã menor, Margaret. Gostam muito de música e de leituras românticas, principalmente Marianne, que costuma alegrar a família ao piano.

Enquanto procuram uma nova casa para morar, as quatro mulheres “hospedam-se” com o meio-irmão e a cunhada na casa onde antes moravam com o senhor Dashwood. É então que elas recebem a visita de Edward Ferrars, o irmão da cunhada das moças, interpretado por Hugh Grant. Edward é um homem muito tímido e reservado, que apesar dos bens que possui e da classe social a qual pertence, não vê o dinheiro como algo essencial, prefere uma vida calma no campo, ao contrário de sua mãe e irmã, que querem para ele um emprego de luxo e uma mulher de bom dote e de alta classe social. Apesar de não ser muito bonito, chama a atenção de Elinor, com quem passa a conversar muito. Devido a sua timidez, possui dificuldade de demonstrar seus sentimentos, mas não deixa de fazê-lo de seu modo.

Porém, o afeto logo é reprovado pela família do moço devido às exigências que possuem.

A viúva e as filhas recebem a bondosa proposta de um parente distante para morarem em um chalé de suas terras por um aluguel que podem pagar. O homem mora no campo com sua sogra, depois que a esposa faleceu. As moças se mudam para esse belo chalé, mas, antes de se mudarem, Edward tem algo a contar para Elinor, que não consegue concluir, um pequeno mistério desenrolado posteriormente.

Agora, além de Elinor e Marianne terem que suportar a perda do pai e acostumarem-se com a nova condição de vida, também têm de lidar com a falta de discrição dos novos vizinhos, que adoram uma boa fofoca.

Em um dia comum no campo, Marianne conhece coronel Brandon, um homem maduro, decidido, interpretado por Alan Rickman. Brandon aprendeu que o amor não é tão fácil e possui um passado triste, sofreu com a perda de um amor, devido a não aceitação da moça, que teve um fim trágico, por sua família. Sendo assim, não se apaixona facilmente, o que muda quando conhece Marianne. Brandon é um belo homem apesar de não ter a idade da moça, que é muito mais jovem. Ele é culto e de posses, gosta de ler e tocar piano. Acredita no casamento por amor e tem um bom coração, apesar de não demonstrar seus sentimentos tão abertamente devido ao trauma que sofreu. Porém, Marianne não liga muito para o afeto do moço devido a ser tão emotiva, o vê como sereno demais e não vê nele um homem que sabe expressar suas emoções como ela expressa.

Fazendo uma caminhada, Marianne se machuca e é salva por John Willoughby, interpretado por Greg Wise, um belo jovem de posses, que vive intensamente e dá às emoções grande importância. Apesar da relevância que dá ao amor, não pode viver sem o dinheiro que possui. Os dois jovens começam a se apaixonar, para a tristeza de Brandon. Porém, Willoughby precisa partir para Londres, sem poder dizer o motivo exato a Marianne. E o destino reserva ainda muitas surpresas para todos esses jovens apaixonados...

Com um final surpreendente, uma ótima caracterização de época e dos personagens, belos figurinos e cenários, além de uma perfeita representação do romantismo britânico, *Sense and Sensibility* é um filme que prende qualquer telespectador e que mereceu as mais de trinta indicações e os onze prêmios que recebeu em 1996.

## Editoria de Mídia

O mês de junho de 2013 passará para a história como o mês em que o Brasil alojou e ganhou a Copa das Confederações, mas principalmente como um mês em que multidões foram às ruas protestar por um Brasil diferente, ainda que esse “diferente” acabe tendo sido pouco definido ao longo dos muitos protestos que se multiplicaram pelo país.

O mais interessante para nós é pensar essas manifestações como um fenômeno de mídia, em muitos sentidos. Como a Primavera Árabe, que chegou ao mundo e se alastrou pelos países árabes apoiada no poder da mídia e, principalmente, das redes sociais, os protestos brasileiros saíram do Facebook para chegar às páginas dos principais jornais e noticiários do mundo em um período-chave, em que o Brasil atraía todas as atenções internacionais por conta dos eventos esportivos que sediava e sediará nos próximos anos.

Interessa-nos pensar que sem a mídia, as manifestações talvez nem sequer se concretizassem. Foi a mídia que mostrou imagens e propagou ideias, que assumiram um vulto que provavelmente ninguém esperava. Houve uma grande onda de manifestações em Santa Catarina, envolvendo pelo menos 25 cidades catarinenses, e Gaspar não ficou de fora.

Tudo começou por um “GRUPO” de manifestantes criado no Facebook, em que eram organizadas todas as manifestações por um país menos corrupto, mais educação, maior valorização do professor, melhora na saúde, agilidade na obra da ponte Hercílio Deek, diminuição do preço do transporte público, entre outros objetivos.

Manifestações organizadas, multiplicavam-se as postagens em tempo real, mais do que estar lá na manifestação, era preciso mostrar: eu fui, eu estive lá, eu participei.

Em Gaspar, a manifestação teve início na ponte Hercílio Deek, circulando pelo centro da cidade com a finalidade de parar em alguns pontos de maior circulação de veículos. Não houve conflitos, o protesto, que durou cerca de 2 horas, foi muito pacífico, contanto com a presença de policiais e, é claro, da mídia, que, mais uma vez, fez o seu papel, concorreu com as mídias digitais e produziu notícia.



## Editoria de Literatura Impressa

Inferno é o livro mais recente escrito por Dan Brown. Best-seller em todo o mundo, o livro, para variar, vem fazendo sucesso.

### O Inferno não é o fim

Louise S. Santos

Curso técnico integrado em química – 4o. semestre

Inferno foi lançado no dia 20 de maio no Brasil e novamente Robert Longdon é o protagonista do livro. Professor de simbologia em Havard é ele quem nos guia nas descobertas fascinantes.

Novamente também, Dan Brown traz um assunto polêmico como tema de seu livro, o crescimento descontrolado da população mundial e a possível solução para controlar esse processo: uma catástrofe, uma peste para dizimar o “necessário” da população. Sienna Brooks, uma médica, acompanha Robert com seu intelecto fora do comum e surpreende a todos.

Com ilusões envolvendo imagens do Inferno descrito por Dante Alighieri, a Peste Negra e uma mulher que mais parece uma lembrança, Robert Longdon acorda em um hospital sem memória dos últimos dois dias. Incrivelmente, é alvo de um inexplicável atentado do qual uma médica, Sienna Brooks, o ajuda a escapar.

Os dois, ao verem um objeto achado com Robert com o símbolo de risco biológico temem pelo pior. Dentro do objeto, descobrem um mapa e iniciam uma caçada a pistas, percorrendo monumentos históricos e marcantes na vida de Dante e artefatos famosos e feitos em homenagem a ele. Perseguidos e após um longo caminho de fuga, eles vão para Veneza. Robert descobre está enganado quanto ao local que a pista que seguiam indicava, mas é capturado pelos seus perseguidores.

Robert encontra a figura que vê em suas ilusões, a diretora da Organização Mundial da Saúde, Elizabeth Sinskey, que explica toda a situação a Robert. Seu próximo alvo é Istambul, onde seria o marco zero da peste. Sienna e Robert se encontram após uma confusão e toda a situação vem a ser entendida. O vírus já havia sido liberado, sem ter como objetivo gerar sintomas cruéis, mas sim algo mais complexo. Restava à Dra. Brooks e à Dra. Sinskey explicar ao mundo o que houve e o que poderia ser feito.

Inferno é um livro com um vocabulário impecável e com uma descrição dos monumentos incomum e cativante. Os personagens são atípicos, atrativos e com personalidades muito bem definidas, incentivando o leitor a ter uma opinião sobre eles. A atitude ousada de Dan Brown pela escolha do cenário ser focado na Europa deve ser admirada pelo fato de ele ser estadunidense e não ter acolhido a típica imagem de exaltação à pátria acolhida por tantos autores norte-americanos.

Após os sucessos de Anjos e Demônios e O Código DaVinci, um público selecionado passou a acompanhar os passos desse autor inusitado. Junto com críticas e elogios, expectativas foram criadas. Inferno veio com a intenção de atender tais expectativas, mas isso não é tão fácil, numa tentativa vã de juntas vários itens exigidos pelo público, o autor acabou criando uma distância cruel do real.

Mas para compensar os pequenos tropeços, Dan Brown não perdeu o ritmo da história e deixou cada leitor ansioso pela sensação transmitida a cada capítulo de seus livros. Um poder de atração que, no mínimo, faz com que o leitor se sinta alheio a realidade. Mas cuidado! Talvez a atração seja pesada demais para alguns.

Com uma forma singular de atrair a curiosidade do leitor e a impressionante montagem de pistas sem uma falha sequer, Dan Brown satisfaz novamente um leitor crítico e surpreende na forma de pensar sobre assuntos inusitados. Inferno é um livro agradavelmente inesperado.

Se o Rei Arthur é uma lenda, o que dizer de Dom Quixote? É sobre esse livro, muitas vezes considerado a melhor história de todos os tempos, que falamos a seguir:



Dom Quixote...

Carolina Segata

Curso Técnico Integrado em Vestuário – 2o. semestre

Ana Cláudia Gonçalves

Curso Técnico Integrado em Química – 2o. Semestre

Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote, era de uma família pobre e não teve estudos regularmente. Foi preso e, na cadeia, começou a escrever “Dom Quixote de La Mancha”. A primeira parte da obra foi publicada em 1605 e a segunda somente dez anos depois.

Com tradução e adaptação de Walcyr Carrasco (grande escritor que nós já conhecemos pelas novelas e outras leituras), a história retrata as loucuras de Dom Quixote, um homem que vai à batalha com o desejo de ser cavaleiro.

É uma bela e bem curta adaptação de um grande clássico do qual, no mínimo, todos já ouvimos falar. Por ser mais curto, o livro perde um pouco de essência da obra original de Miguel de Cervantes (autor do clássico) mas não deixa de passar a verdadeira moral.

Solitário, nosso protagonista ama a literatura e se aprofunda demais em seus sonhos, vivendo grandes aventuras e apavorando e alegrando personagens ao seu redor.

O que mais chama atenção é que Dom Quixote inventa suas próprias batalhas, transforma tudo que vê em componentes para uma batalha, e dá seu sangue em cada uma delas. Parece que é isso que faz com que fiquemos com aquele gostinho de quero mais.

O final é inesperado, porém as loucuras de Dom Quixote fazem o livro valer a pena e lhe farão repensar suas verdadeiras necessidades e fantasias.

### *Papo com o autor*

Aconteceu no dia 04 de julho “O papo com o autor”, que ocorre todo final de semestre e envolve os alunos do curso integrado e autores catarinenses. O objetivo do evento é incentivar a leitura, promovendo a literatura catarinense e criando um espaço de diálogo entre leitores e autores.

Nesta edição, os alunos do segundo e terceiro semestres dos cursos de química e vestuário conversaram com os autores Fernando Henrique Becker da Silva e Urda Alice Klueger.

Fernando Henrique Becker Silva é natural de Florianópolis, mas reside em Blumenau desde 1991. É advogado e professor universitário na furb e na Asselvi, empresário e escritor. E é autor de várias obras, entre elas, O Segredo do meu Avô, lida pelos alunos do segundo semestre.

Urda Alice é autora de 11 livros e de uma série de contos e crônicas, entre eles, do livro No tempo da Bolacha Maria, lido pelas turmas de terceiro semestre.

O diálogo foi animado e contou com a participação ativa dos alunos e dos autores em clima de descontração. Motivos para escrever, técnicas de escrita, curiosidades das obras dos autores e um pouco de tudo que compõe a rotina dos escritores fez parte da conversa, que durou duas horas.



### *Editoria de História da Literatura*

As lendas arturianas assim como a história de Dom Quixote de La Mancha nos lembram dos primórdios da literatura ocidental e do Trovadorismo. A época do trovadorismo foi caracterizada pela presença das novelas ou romances de cavalaria. As novelas surgiram na Inglaterra ou na França (não se sabe ao certo), através da transformação sofrida pelas canções de gesta (poesias), que foram prosificadas. As canções de gesta passaram a ser tão extensas que se tornou difícil de memorizá-las, passando assim a serem escritas em prosa, e deixando de ser cantadas para serem lidas.

Por definição, novelas de cavalaria são narrativas literárias em capítulos, que contam os grandes feitos de um herói, mesclados a emocionantes histórias de amor. Tais histórias de amor não são melancólicas e platônicas como as que aparecem nas cantigas de amor: o herói cultua a amada, mas não se contenta apenas em vê-la; ele quer ser correspondido. A mulher amada, por ser casada (ou religiosa: "casada com Cristo"), torna-se adúltera para concretizar o seu amor. Os obstáculos incentivam o herói na fase de conquista, ao invés de torná-lo impotente como acontece nas cantigas; a esse amor físico, adúltero, presente nas novelas e xácaras medievais, dá-se o nome de AMOR CORTÊS. O casal central não tem final feliz e é severamente punido pelo pecado cometido.

As novelas de cavalaria portuguesas também são inspiradas nas CANÇÕES DE GESTA francesas (cantigas que homenageavam os heróis e seus feitos). Portanto, a prosa medieval portuguesa, como se pode concluir, é predominantemente do GÊNERO ÉPICO e expressa a simplicidade, a ingenuidade do homem medieval, contendo marcas do contexto em que foi produzida.



## *Editoria de literatura impressa*

### *Entrevista – Urda Alice Klueger*

A Editoria de Literatura Impressa do Jornal Papéis Avulsos fez uma entrevista especial com Urda Alice Klueger no lançamento da nova edição do livro *Vem, vamos remar*, na Livraria Blulivro, em julho de 2013. Leia abaixo a entrevista com a autora, que conta, nesse livro, sobre as experiências vividas por uma série de personagens reais na enchete que assolou Blumenau em 1983.

Papéis Avulsos - Como foi ter de novo esse contato com uma memória vivida há anos? Como foi essa experiência de reconstrução desse livro?

Urda - Eu já não via os personagens reais que compõem o livro há uns 20 anos, 10 anos. Quando eu lancei o livro pela primeira vez, eu fui rastrear cada um e localizá-los, dessa vez eu não fiz, mas mais ou menos tenho a ideia de onde eles estão [...].

Papéis Avulsos - Em sua opinião particular, qual o ponto dessa obra que mas te fascinou?

Urda – “Na amargura da falta d’água, alguém se lembrou dela (nascente sobre o morro do Bom Retiro). Uma calha de bambu fora providenciada, enterrada no barranco, e a água obtida escorria pela calha e despencava sobre os paralelepípedos da rua. Não era muita água, pouco mas que um fio, mas como era preciosa! Uma imensa fila formava-se para apanhá-la, uma fila de gente que vinha de longe, em carros luxuosos, em carros importados, trazendo baldes, panelas, qualquer tipo de vasilha onde pudesse ser guardada aquela água maravilhosa. Lembro de mulheres com as mãos cheias de anéis, de prósperos e rubicundos profissionais liberais, que, com panelas nas mãos, esperavam a sua vez de obter água, na mesma fila aonde estavam os operários, as pessoas humildes, a gente pobre. Acho que jamais poderei esquecer essa imagem. Estávamos numa situação na qual nenhum dinheiro do mundo poderia comprar aquela água que a natureza dava gratuitamente(...).”

Papéis Avulsos - Em relação a todas as suas obras, como você as vê? Você se sente satisfeita com o retorno e repercussão do seu trabalho?

Urda - Sim, eu era uma criança que sonhava em ser escritora. Hoje eu tenho 21 livros, mais de 600 crônicas espalhadas por aí. Se você entrar na internet e pesquisar verá que tem umas com mais de 15 mil, 20 mil publicações. Então isso está muito além do meu sonho, assim eu não conseguiria imaginar. Eu tenho livro em Braille agora, que foi a Fundação Cultural de Blumenau que publicou. As pessoas me leem lá em Portugal, lá em Moçambique, Açores. Eu escrevi crônicas muito tempo no jornal de lá. Criei um público em Açores, que é muito gratificante, eu publico em um jornal de um país da África que tem um milhão e meio de leitores entre papel e internet por semana.

Papéis Avulsos - Falando das novidades, quais seriam? Você tem algum rascunho ou, ideia para algum projeto novo ou algo relacionado futuramente?

Urda - Sim, eu estou no final de um doutorado e depois eu estou com alguns livros pela metade. O mais legal de falar é No Tempo da Ana Bugra. Ana Bugra era um índia que foi pega pequena no mato e criada pelas freiras da escola Sagrada Família. Eu era totalmente encantada pela Ana Bugra apesar de eu nunca falar com ela, porque ela já era um senhora e eu era uma criança de seis sete anos. Ela me encantava, é uma coisa muito além do meu entendimento... Era um mundo além do meu mundo. Mais tarde fui me tornar uma historiadora e tenho assim comigo que esse caminho que eu escolhi e estou seguindo de arqueologia e historia tem relação com Ana Bugra.

Papéis Avulsos - E um recado para todos os seus leitores e alunos do campus IFSC Gaspar?

Urda - Existe um coisa fantástica que é o maravilhoso mundo da leitura. Tem o maravilhoso mundo da televisão, ou do cinema, mas é diferente, porque você assiste um filme e vão ter 100 pessoas vendo esse filme, vendo o mesmo personagem com a mesma cara, a mesma paisagem. Mas se 100 pessoas lerem um livro, cada um vai ler um livro diferente, vai imaginar, de uma forma totalmente diferente.